

UMA PACIÊNCIA SELVAGEM TROUXE-ME ATÉ AQUI: ESCRITA EM PROCESSO SOBRE PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE LESBIANIDADES ATRAVÉS DE ESCRITA, CIRCULAÇÃO DE TEXTOS E LEITURA

DOI

[https://dx.doi.org/10.11606/
issn.2525-3123.gis.2019.152113](https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.152113)

ORCID

<http://orcid.org/0000-0003-0103-335X>

CAROLINA MAIA¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 20940-040 - ppgas@mn.ufrj.br

RESUMO

O presente trabalho foi formulado inicialmente como trabalho de conclusão de um curso sobre etnografia e textualidade, adotando uma abordagem de escrita experimental para discutir gênero (*gender*) e gênero textual (*genre*) na prática da etnografia, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. Sua base é a dissertação da autora sobre publicações lésbicas de caráter periódico no Brasil nos anos 1980 e 1990 e sua construção e circulação através de redes de correspondência, criando espaços para elaboração identitária, experimentação de escrita e construção política. Tomando tal circulação de mensagens pessoais como ponto de partida e inspiração para uma proposta estética experimental de emulação do gênero epistolar, o texto foi construído através de *e-mails* e de uma carta escrita à mão, tendo o *devaneio* e a *digressão*

1. Artigo desenvolvido durante vigência de bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

como estratégias textuais empregadas para tal e a impossibilidade de edição como impulso para uma criação incremental e fragmentária dos argumentos. Referências a reflexões, conversas e discussões em sala de aula, bem como a alternância entre registros (formal/coloquial) e outras marcas textuais, permanecem como marcas de processos dialógicos com as professoras a quem o texto se destinava e da autora consigo mesma. Ao longo da escrita, o processo de *devaneio* leva a uma mudança nas preocupações e ênfases do próprio trabalho, o que enseja considerações sobre guinadas, descobertas e frustrações no próprio processo de pesquisa e escrita etnográfica.

ABSTRACT

This work was initially conceived as a term paper for a graduate course on ethnography and textuality, proposing an experimental approach to writing in order to discuss, from a post-structuralist perspective, gender and genre in the ethnographic practice. It is based on the author's Masters' dissertation on periodical lesbian publications in Brazil in the 1980s and 1990s and their creation and circulation through correspondence networks, creating spaces for identity elaboration, writing experimentation and political construction. Taking such circulation of personal messages as a starting point and inspiration for an experimental aesthetic proposal for emulating the epistolary genre, this text was built using e-mails and a handwritten letter, with digression as a textual strategy and the impossibility of editing as a motor for an incremental, fragmentary creation of this work's arguments. References to reflections, conversations and discussions held in class, alternating between registers (formal/colloquial), and other textual marks remain as evidences of dialogic processes with the professors which were this text's original addressees and with the author herself. During writing, the *digression* process leads to a change in the very concerns and focuses of the proposed work, allowing considerations about shifts, discoveries and frustrations within ethnographic research and ethnographical writing.

KEYWORDS

lesbianities; Brazilian lesbian press; textual anthropology; literacies; genre; gender.

PREÂMBULO

From: me
To: Revista GIS

Wed, Mar 13, 2019, 7:39 PM

Subject: Re: Uma paciência selvagem trouxe-me até aqui: escrita em processo sobre processos de construção de lesbianidades através de escrita, circulação de textos e leitura

Carxs editorxs,

Gostaria primeiramente de parabenizá-lxs pela realização deste dossier e agradecer pela compreensão da abordagem estético-política experimental que guiou a execução deste trabalho. Foram feitas algumas (poucas) correções ortográficas recomendadas pelos pareceristas (bem como acatadas alterações pontuais no texto de envio da submissão), considerando que não feririam significativamente a proposta original de não edição. Traduções de citações em língua estrangeira foram inseridas em notas de rodapé; outras notas acrescentaram pequenas informações pontuais. Concordo com a consideração, presente em um dos pareceres, de que muitos conceitos foram mais mencionados do que necessariamente discutidos. Tal característica deve-se, em parte, à intenção original do trabalho: as leitoras a quem o texto inicialmente se destinava, as professoras Adriana Facina, Adriana Carvalho Lopes e Carolina Rocha, professoras responsáveis pelo curso “Etnografia como prática textual”, ministrado em 2017 no Museu Nacional, já haviam trabalhado em sala de aula muitos dos textos aqui presentes e me deram liberdade para citá-los dessa forma. Também julgo pertinente sua crítica à verborragia (e teria retirado algumas informações que talvez só devessem mesmo circular em comunicações pessoais...). Ao preservar tais limitações no texto final, mantenho o compromisso estético adotado na proposta de não editar; mas do que isso, acabo tocando em outro ponto interessante para esta pesquisa: o que acontece quando um texto (por exemplo, uma carta), pensado para um determinado público, acaba lido (e analisado) por uma audiência inesperada?

Meu nome e os das destinatárias originais deste trabalho, que havia retirado para evitar quaisquer vieses na leitura duplo-cega, foram reinseridos no texto. Também adicionei as referências às minhas produções anteriores.

Atenciosamente,
Carolina Maia

[Texto da mensagem anterior]

Thu, Nov 15, 2018, 10:39 PM

Carxs editorxs,

Encaminho anexos dois documentos: o primeiro é uma série de *e-mails* que escrevi para mim mesma e posteriormente reenviei para as professoras que ministraram o curso Nome da Disciplina, em 2017; o segundo é uma carta que escrevi *on the road*, em um ônibus interestadual, para complementar o texto do primeiro. Minha proposta, como vocês verão, era escrever um texto em que a edição *a posteriori* não fosse uma possibilidade: por isso esta mensagem e por isso os *e-mails* em uma cadeia de respostas para mim: para que eu fosse incapaz de retirar qualquer coisa que houvesse dito. Os dois documentos mencionados estão condensados neste, mantendo, contudo, suas características e formatação (e, inclusive a falta de coesão desta), na premissa de que o *design* dos *e-mails* faz parte da experiência de lê-los, causando efeitos em possíveis leitores. Apenas duas seções não estavam presentes nos documentos originais: este pequeno preâmbulo e a seção de referências, adicionadas agora, no momento da submissão.

Tomei a liberdade de submeter um trabalho cujo número de palavras excede por pouco aquele indicado nas diretrizes da revista. Peço a admissão desse formato porque, como indicado acima (e no texto a seguir), não editá-lo era uma premissa fundamental de sua construção. Obviamente, isso pode ser negociado, caso julguem necessário e apropriado.

Cordialmente,
Carolina Maia

Subject: Uma paciência selvagem trouxe-me até aqui: escrita em processo sobre processos de construção de lesbianidades através de escrita, circulação de textos e leitura

From: me
To: me

Fri, Jun 23, 2017, 11:40 PM

“All new learning looks at first / like chaos”,² diz Adrienne Rich em seu poema *Powers of Recuperation*. Inscrevi estes versos na parede do meu quarto logo que me mudei para o Rio, no início do mestrado e da nova etapa que este abria em minha vida. Adrienne Rich, poeta lésbica, estadunidense, judia, branca, é uma referência por várias razões (a começar, pelo seu clássico *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*

2. “Todo novo aprendizado no início parece / o caos.” Essa e todas as traduções em nota de rodapé foram feitas por mim e adicionadas segundo recomendação de parecerista.

– um texto que muito reverberou em meu campo da pesquisa de mestrado), e acredito que vá aparecer ao longo deste trabalho mais vezes. No mesmo poema, presente em sua última coletânea, *Tonight no poetry will serve: poems 2007-2010* (datado de 2007 e publicado no ano anterior à sua morte, quando ela já passava dos 80 anos), impressionava-me a passagem “She’s old, old, the incendiary / woman // endless beginner”³ – a ideia de que uma autora já tão consolidada pudesse criar uma imagem tão viva de idade avançada, de uma trajetória sendo atualizada, e de novas tentativas: “to scribble testimony by fingernail and echo / her documentary alphabet still evolving”⁴. Trago esses versos porque acredito que a experimentação que proponho aqui exige também de mim um aprendizado dessa forma de escrever um trabalho final, algo ainda um tanto desordenado, mas ainda assim revigorante, e que vai exigir incontáveis recomeços.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a possibilidade de experimentar uma forma narrativa menos ortodoxa neste trabalho. Recebi com muita alegria a orientação da Adriana Facina de que “poderíamos ou-sar”, e isso trouxe um novo estímulo à minha escrita. A aula de hoje, em especial a leitura de Jan Blommaert, foi muito proveitosa e trouxe diferentes caminhos para pensar o campo que já realizei e que resultou na dissertação defendida aqui no PPGAS/MN (estudando publicações do movimento lésbico brasileiro. Mais sobre isso a seguir). Gostaria de partir justamente do texto desse autor para situar a proposta do presente trabalho. Blommaert traz uma reflexão interessante a partir da noção de repertório, que ele assim define:

repertoire is the totality of the communicative resources, knowledge about their function and their conditions of use, and all of this is a very concrete matter. It is not enough to say that ‘literacy’ is part of someone’s repertoire: it matters which particular literacy resources are there. [...] Thinking about repertoires forces us to abandon totalising notions in the field of language and communication, and to replace them with terms that identify actual, specific practices. The range of factors we need to consider in analysing literacy, consequently, is expanded and now includes social, cultural, historical and political factors (Blommaert 2007, 7-8).⁵

3. “Está velha, velha, a mulher / incendiária // eterna iniciante.”

4. “Rabiscar testemunho com unhas e ecos / seu alfabeto documental ainda evoluindo.”

5. “Repertório é a totalidade dos recursos comunicativos, conhecimento de suas funções e condições de uso, e tudo isso é uma questão muito concreta. Não basta dizer que o ‘letramento’ é parte do repertório de alguém: os recursos de letramento particulares em uso fazem diferença. [...] Pensar sobre repertórios nos força a abandonar noções totalizantes no campo da linguagem e comunicação e a substituí-los por termos que identifiquem práticas reais e específicas. A gama de fatores que precisamos levar em conta ao analisar o letramento, consequentemente, é assim expandida e passa a incluir fatores sociais, culturais, históricos e políticos.”

Ao inscrever letramentos (*literacies*) em relações de poder globais, sem deixar de levar em conta fatores locais específicos que dizem respeito à produção dos textos, o autor prossegue distinguindo possíveis diferentes letramentos em relação à própria forma de escrita – uma coisa é saber escrever à mão, com caneta em um pedaço de papel; outra ainda é ter desenvoltura ao digitar (lembrando, como ele próprio faz, que a datilografia já configurou uma profissão); a própria competência de escrever textos inscritos em um “letramento computadorizado” abre diferentes portas de acesso, por exemplo, no mercado de trabalho para pessoas de classe média com um certo nível de escolarização. Essa “*computer literacy*”, diz Blommaert, “quickly occupies a status position in the repertoires of its users as a ‘higher’ and more sophisticated form of literacy; it starts dominating certain genres of writing and transforms them – think of e-mail as the new form of ‘correspondence’” (2007, 8).⁶ Ao longo do curso, temos conversado muito sobre formas hegemônicas (bem como contra-hegemônicas) de escrita, e não é à toa que destaco aqui esta passagem sobre formas mais “sofisticadas” de letramento e expressão escrita. Mais do que isso, identifico (agora, enquanto escrevo) aí o que pode ter sido, sem que eu vislumbresse na hora da primeira elaboração, o germe de minha proposta: o *e-mail* como forma de correspondência, a transformação de gêneros de escrita... Sem mais delongas, posso finalmente delinear a proposta de escrita de meu trabalho final:

[pausa. pensa. respira: está aí e tu sabe. escreve. endless beginnings. quantas pausas, quantos recomeços, quanto soluço e sufoco não ficam invisíveis na escrita acadêmica com a forma de longo fôlego do “tratado”, para usar a expressão do Raja sobre o Austin (ou melhor, em referência ao que o Austin não fez) em nossa aula no Fundão? A ideia aqui é brincar justamente com isso. não é?]

Pois então. Minha ideia, aqui, é brincar articulando (e citando, seja na citação que é própria dos textos acadêmicos, seja na noção de iteração e o fato de que efeitos performativos ocorrem justamente porque o significado citado é de alguma forma reconhecido, como propõe a Butler em seu uso do Derrida*) diferentes gêneros de escrita. O mais óbvio, como a passagem acima referenciada de Blommaert permite entrever, é o epistolar, atualizado e transformado sob a forma do *e-mail*. Ressoa aqui também a proposta de escrita fragmentada de Gloria Anzaldúa (2000) em seu *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, exortação (sob a forma epistolar) destinada a mulheres racializadas, cujo acesso à escrita foi e tem sido obstaculizado por uma hegemonia literária masculina e branca (a discussão com o

6. “Rapidamente ocupa uma posição de status nos repertórios de seus usuários como uma forma mais ‘elevada’ e sofisticada de letramento; passa a dominar certos gêneros de escrita e os transforma – pense no e-mail como a nova forma de correspondência.”

7. O professor Kanavillil Rajagopalan (Unicamp) ministrou uma aula sobre John Austin na disciplina que originou o presente trabalho.

Blommaert me parece bastante evidente, mas talvez deva retomar isso mais à frente), para que não deixem de escrever. E ressoa porque a leitura deste texto sempre catalisa em mim (embora eu, mulher branca, não seja a destinatária prevista/explicitada por Anzaldúa) o movimentar de formas de vencer obstáculos à escrita. “Escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” (Anzaldúa 2000, 232) foi outra passagem inscrita em minhas paredes, durante o processo de elaboração de minha dissertação... Bem poderia ter sido outro, da página seguinte (p. 233) no mesmo texto: “O problema é focalizar, é se concentrar. O corpo se distrai, faz sabotagem com centenas de subterfúgios, uma xícara de café, lápis para apontar”, e ela segue:

Distrações todas – alguma coisa me acontece quando estou concentrada no escrever, quando estou quase chegando lá – aquele sótão escuro onde alguma “coisa” está propensa a pular e precipitar-se sobre mim. As formas com que subverte o escrever são muitas. A maneira como não tiro água da fonte e nem aprendo a fazer o moinho de vento girar.

Comer é minha principal distração. Levantar para comer uma torta de maçã. Mesmo o fato de não comer açúcar por três anos não me dissuade, mesmo que tenha que vestir o casaco, encontrar as chaves e sair na neblina de São Francisco para comprá-la. Levantar para acender um incenso, colocar um disco, dar uma caminhada – qualquer coisa para adiar o escrever.

Voltar depois de empanturrar-me. Escrever parágrafos em pedaços de papel, formando um quebra-cabeças no chão, a confusão de minha escrivaninha, protelando a conclusão e tornando a perfeição impossível (Anzaldúa 2000, 233).

Quero estrelar de vez a pretensão, tão pretensiosa (e narcisista, neuótica) quanto completamente irrealista, de um almejar à perfeição. Uso o gênero epistolar para impor uma temporalidade à escrita, para fragmentar algumas coesões possíveis, para desencaminhar argumentos e, paradoxalmente, tornar mais factível sua construção. Neste tom que agora descubro – e que se pretende menos formal, desencadeado pelo tom descompromissado com os cânones (ou, no mínimo, menos compromissado com eles) que estabelecemos em aula –, espero encontrar uma escrita mais leve. Há também um brincar com uma dialogia: escrevo para vocês, Adriana Facina, Adriana Lopes, Carolina Rocha; ao mesmo tempo, por enquanto, vocês estão ausentes deste diálogo: por enquanto, escrevo comigo e também para mim [*inclusive literalmente: no processo, vou escrever para meu próprio endereço de e-mail, respondendo novamente para mim mesma, e ao final compilarei todas as mensagens e enviarei para vocês – bom, imagino que a esta altura isso já esteja óbvio: vocês estão lendo isso, não é?*]. Aí entra mais um gênero literário: o do diário, tão fundamental na atividade da etnografia (e tão possivelmente

revelador, como vimos com o Malinowski). Diários e cartas (e, de maneira ainda mais inexorável, *e-mails*) são também datados – e, uma vez registrados/enviados, são de certa forma definitivos.⁸ Como na fala, em que o dito não pode ser “desdito”, quero tentar aqui uma escrita que visibilize seu processo (e seus tempos), que possa se reelaborar, mas não se desdizer – ou, dito de outra forma, uma minimização das possibilidades de edição que leve a um avançar da discussão, mensagem por mensagem. Neste misto de escrita acadêmica, correspondência e diário, pretendo encontrar o tom para refletir sobre três eixos principais:

- como a minha leitura dos textos do curso foi atravessada pelo meu tema de pesquisa (a escrita e a circulação de textos entre mulheres lésbicas em publicações de caráter periódico destinadas a discutir e elaborar sentidos sobre lesbianidade);
- como meu tema de pesquisa me atravessa / é atravessado pelas minhas experiências enquanto mulher lésbica, branca e de classe média, que lê e escreve sobre lesbianidade;
- como tenho pensado a construção e elaboração de experiências lésbicas através da escrita, circulação de textos e sua leitura – e, se o tom dessa escrita atingir esse intento, sobre minhas próprias experiências de construção de lesbianidade através desses mesmos processos.

Bem, por hoje, é isso. No próximo *e-mail*, falo mais sobre a pesquisa que desenvolvi no mestrado sobre publicações da “imprensa lésbica brasileira”, sobre os documentos que constituíram o campo onde desenvolvi essa etnografia (aliás, gostaria de ter lido o Blommaert antes disso!) de que minha dissertação recém-defendida foi um resultado e como as cartas (e a temática da correspondência) ganharam relevo para mim ao longo desse processo.

Abraços e até a próxima,
Carol

* P.S.: Fiquei feliz ao ouvir a Adriana Lopes falar, hoje em aula, da Guacira Lopes Louro e do Tomaz Tadeu da Silva. Ao falar sobre iteração, citação e performatividade, ali acima, me lembrei que um texto do Tomaz (“A produção social da identidade e da diferença”, no livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, organizado por ele e publicado pela editora Vozes em 2000) trouxe meu primeiro contato com Derrida,

8. Um dos pareceres recebidos destacou o distanciamento adotado, no momento da escrita de etnografias, em relação às primeiras “impressões” anotadas em diários de campo. A leitura de Malinowski foi feita, na disciplina que resultou neste trabalho, justamente para observar diferenças entre os *Argonautas do Pacífico Ocidental* e os diários pessoais de Malinowski. A comparação com o gênero do diário, aqui, diz respeito mais à sensação de escrever “para mim mesma” sem reescrita do que com os usos etnográficos do diário em si.

ainda no final da graduação em jornalismo, em 2011. Àquela época, do alto do entusiasmo de estar trabalhando com essa perspectiva, pensei ter compreendido suas proposições, certeza definitivamente desestabilizada ao longo dos anos que transcorreram desde então. De qualquer forma, foi uma recordação oportuna: folheando-o (ou o equivalente a folhear, para um PDF), reencontro novas chaves para pensar esse autor – e quiçá encarar a ideia de utilizá-lo novamente, aqui.

[*Send. Undo. Send*]

From: me Fri, Jun 23, 2017, 11:45 PM
To: me

[abri novamente a mensagem, já definitivamente enviada, para ver como ficaria a formatação. primeira questão: numa sentada, já escrevi duas páginas! preciso levar em conta que, embora eu vá escrever aos poucos, vocês receberão todos os textos de uma vez só – e, como foi dito hoje, não terão muito tempo para ler. segunda questão: numa breve passada de olhar, já criei que escrevi “pretensão [...] pretensiosa”. bem, são os riscos que assumi...]

From: me Fri, Jun 23, 2017, 11:45 PM
To: me

boa noite!

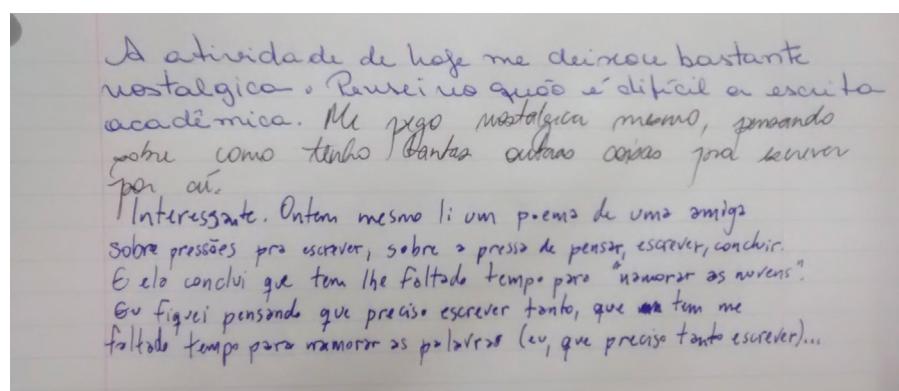
em primeiro lugar, queria pedir desculpas pela demora – ok, vocês lerão tudo de uma vez, nós já sabemos, mas o próprio formato do e-mail me faz sentir em falta, como em um diálogo do qual eu tivesse subitamente me ausentado. visualizado, não respondido (o que de fato fiz com o e-mail de vocês me encorajando a esta escrita – mas, de certa forma, acho que foi melhor, porque compartilhado-no-instante, ter falado com vocês pessoalmente hoje).

[talvez o pedido de desculpas seja para mim mesma, por esse ausentar-me. aqui segue sendo um misto de diário e correspondência. e sigo com a anzaldúa: meu medo de não escrever supera o de escrever.]

e me ausentei por outras escritas – estou finalizando um artigo em cima do laço, para apresentação no fazendo gênero (espero escrever para vocês sobre minhas motivações e estímulos a isso, também). e agora o jogo virou: saí da aula mexida, cheia de ideias pra pôr no papel (apesar de o suporte ser outro, insistimos nessa metáfora...), querendo revirar o que discutimos hoje, seguir brincando com a proposta da Carolina em aula *[como ela escreveu para mim no autógrafo: que a magia ilumine minha escrita!]*. e a verdade é que tenho esse outro trabalho, que urge mais do que qualquer coisa – não só pelo prazo, já prorrogado, já estourado, mas

porque o tema cria em mim sua urgência própria. [se eu já tivesse escrito o que me propus a escrever pra vocês, os motivos disso estariam mais óbvios – vai ficar mais compreensível, prometo.]

agora que já escritos, os parágrafos acima parecem um preâmbulo quase desnecessário. Compartilho, na imagem abaixo, um dos resultados da nossa prática de escrita de hoje: foi o que me fez abrir o Gmail agora. Como disse a Carolina, escrever à mão tem seus efeitos próprios; no conciso de minha grafia confusa, a menção à poesia de minha amiga parece dizer muito mais do que consegui digitar aqui.



From: me

Fri, Jun 23, 2017, 11:45 PM

To: me

Sabe, quando eu tive a ideia dessa proposta, me pareceu que ia ser bem mais fácil. Por um lado, de fato, é: acabo de comentar com uma amiga que estou escrevendo para vocês mais por prazer do que por prazo, e isso é simplesmente maravilhoso. É como uma reconexão com uma certa facilidade para escrever, algo que eu gostaria de ter aprofundado também a partir de uma reflexão sobre o exercício da aula de encerramento, mas infelizmente não vai dar, ao menos não agora – começo a escrever hoje pela necessidade de trazer outro assunto, que na real está sendo impelido por outro ainda. E, se começo mais uma vez falando da minha surpresa com não ser tão fácil como eu previa (algo que eu já tinha comentado em aula e que, portanto, poderia simplesmente deixar quieto), é porque tem a ver com o inédito em si dessa forma de escrever pra mim: embora essa proposta abra caminhos para temas inesperados e escritas mais espontâneas [agora há pouco tive um insight: de certa forma, esse é um experimento pelo devaneio como forma de escrita], por outro lado a ordem imutável dos blocos de texto dificulta a inserção de temas que aparecem para mim como desdobramentos de argumentos que eu já conheço, vocês ainda não. [tá muito longo isso, já, e tu nem inseriu a parte sobre o que fica de fora, que era tão legal. mas bueno, levemos

o devaneio a sério...] E antes que eu comece a entrar nos temas que pretendo pensar aqui com vocês, sinto que antes preciso explicar mais sobre a minha pesquisa do mestrado, e os temas que a (me) atravessam.

Bom, como já adiantei lá no primeiro *e-mail* (e que, nem de longe, me parece resumir adequadamente o tema), minha pesquisa de mestrado foi sobre publicações da “imprensa lésbica brasileira” – termo que sempre coloco entre aspas porque não encontrei mais ninguém tomando todas essas publicações como constituindo um campo (ou, para a Comunicação, um “segmento”), me parece, ou ao menos chamando-as assim. Não lembro se incluí na dissertação a informação de que esse tema está na minha agenda há muitos anos: eu queria ter estudado publicações brasileiras para lésbicas na minha monografia de graduação, mas a carência de informações sobre o tema (e a dificuldade de acesso às fontes) acabou me desestimulando. Bem, se já não lembro se inseri esse interesse antigo pelo tema, incluí uma outra passagem que me parece bem mais importante pra estabelecer minha ligação com o “campo”. Por mais que seja uma passagem um pouco longa, tomo a liberdade de reproduzi-la aqui. Estes são os parágrafos iniciais de minha dissertação:

Meados de 2002. Sem acesso à Internet em sua própria residência, uma adolescente entreouve as explicações da professora de informática enquanto aproveita a conexão do laboratório da escola para ver seus *e-mails*. Encontra uma mensagem de M., contato recente de uma sala de bate-papo acessada em alguma madrugada na casa do pai. A amiga parece nervosa e pede seu endereço residencial para enviar-lhe uma carta. Suas possibilidades de escrita na web também são restritas, ela explica, e precisaria de tempo e espaço para escrever uma narrativa difícil – para desabafar um segredo terrível, algo que só poderia ser contado sem ressalvas a alguém que não participasse de seu cotidiano imediato. Preocupada e um tanto curiosa, a menina pergunta se está tudo bem e digita seu endereço. Dias depois, chega às suas mãos uma carta, enviada do ABC paulista. Nela, M. conta que passou uma noite com uma amiga e, um tanto hesitante – “por favor não vomite na carta ao ler isso” –, revela o que estava difícil de pôr em palavras por outros meios: ela e a amiga se beijaram. A respiração da leitora se entrecorta, não com nojo, como receava a missivista, e sim com curiosidade: então isso é possível? Um sentimento até então confuso e amorfo ganha desenhos e cores – então é isso. Uma mulher pode se interessar por outra – e a leitura segue – e elas terminarem transando! Minimamente assentadas as ideias, a adolescente escreve à nova, instantânea amiga, uma resposta compreensiva e acolhedora, perguntando por mais detalhes do que seria efetivamente necessário para acolher e compreender uma experiência alheia, provavelmente para elaborar suas próprias – as que ainda viriam e aquelas outras sensações amorfas, incômodas, que ela buscava fingir que não percebia. As duas se corresponderam por cartas por muitos meses ainda, até que o crescimento na oferta e

demandava acesso à Internet de banda larga tornasse o serviço um pouco mais acessível e, para membros das classes médias urbanas dos grandes centros, quase obrigatório em suas residências. Com isso, essa adolescente – que, a partir de agora, podemos tirar do anonimato e chamar de Carolina Maia – passou a poder acessar reflexões, narrativas e outras produções que diversas mulheres publicavam na web sobre suas experiências sexuais e afetivas com outras mulheres. Espero que esse relato não soe como mera autoexposição: é a minha alternativa aos preâmbulos de narrativas antropológicas clássicas. Nestas, seja através de canoas singrando mares e rios rumo a ilhas ou povoados distantes, seja ao buscar montar seu acampamento mais próximo ou mesmo dentro da aldeia a ser estudada, o pesquisador relata seu afastamento progressivo de sua própria casa, de sua própria cultura, e sua aproximação dos espaços e sujeitos que procura compreender. Aqui, procuro trazer como questões que um dia viriam a ser minhas preocupações dentro de uma pesquisa – lesbianidade (e como ela foi tematizada em produções escritas), isolamento, correspondências – me encontraram dentro de minha própria casa. Mais de dez anos antes de sequer imaginar a presente pesquisa, temas que hoje se configuram como meu campo começavam a me constituir. Em meados de 2002, as publicações impressas para lésbicas que menciono em maior detalhe neste trabalho ou já haviam deixado de circular ou estavam em declínio. Talvez por ter testemunhado alguns dos primeiros passos das produções lésbicas brasileiras na Internet, em blogs e sites voltados para a temática da homossexualidade (especificamente de mulheres, ou seções de sites “mistos”), é que eu me interessei por buscar compreender como era antes. Antes da Internet, como mulheres que se interessavam afetiva e sexualmente por outras mulheres no Brasil podiam ter acesso a reflexões sobre essas experiências? Como encontravam umas às outras, como buscavam e mantinham contato? (Maia 2017a, 15-16)

[pausa. uma das dificuldades dessa proposta de e-mail: eu não gosto de escrever conectada. me perco fácil. mas acho que esta pausa enseja uma pequena notinha afetiva, ainda sobre a internet, pra fingir que estou mantendo aqui uma coerência temática: é uma pequena interrupção porque falo com minha namorada enquanto escrevo, e, se não fosse a internet, nosso relacionamento seria praticamente inviável: ela mora em brasília. o motivo da pausa? ela está lendo *Naven* e se perguntou o signo do Bateson – taurino, muito taurino, como descobrimos: sol, marte, mercúrio e vênus. lua em peixes. a internet nos dá acesso a muitas informações essenciais e a outras... bom, satisfazer certas curiosidades é importante também, né?]

Bom, voltando. A Internet nos dá acesso a muitas informações essenciais! Era disso que eu estava falando. Pois então. Faltou eu dizer também que, quando decidi não estudar a imprensa lésbica, lá em 2011, no final da graduação, acabei analisando a seção de notícias do *MixBrasil*, um portal

GLS surgido em meados dos anos 1990 em São Paulo. A escolha pelo Mix também foi bastante afetiva: as colunas da Nina Lopes, uma DJ que viria a fazer uma revista para lésbicas em 2008, e em especial da Vange Leonel, a cantora da calada da Noite Preta, lésbica que se definia como “proto-escritora” (apesar de sua produção escrita prolífica, em diferentes gêneros, incluindo prosa, poesia, teatro, traduções), foram muito importantes para mim ali por 2005, 2006... época em que eu começava a me entender também como lésbica, com o auxílio de minha namorada da época [*que conheci, vejam só, pelo Orkut! esse lance de escrita e encontro é forte mesmo, viu?*] e muita, muita leitura, questionamento e reflexão.

[mais uma pausa: parar para procurar o link para a música da Vange me levou a outra, da banda de queercore estadunidense Team Dresch – outra referência dessa minha fase adolescente de elaboração identitária. Remember Who You Are é uma música que devo ter conhecido em 2003 ou 2004 e que ouço até hoje quando minha escrita empaca: “can’t get sick of thinking about meaning, and language, and anything that gets me hot”.⁹ me dá um estímulo enorme! e ela fala sobre poder sentir desejo por outras mulheres, poder se sentir desejada por outra mulher: “sometimes that’s what it takes to know you’re alive / is to feel yourself burning just from some girl’s stare”.¹⁰ Tatuei um trecho dessa música pra nunca me esquecer de lembrar quem eu sou, porque isso me faz quem eu sou. Posso estar forçando a barra, mas eu vejo algo da iteração e da citacionalidade aí – “make up who you are, it makes up who you are” – e a performatividade da Butler: o gênero se faz enquanto nos fazemos no interior do gênero, etc., etc. E, já que tomamos como pressuposto as discussões do Blommaert, e estamos aqui pensando quais escritas contam como escrita, essa também é uma música que traz uma escrita lésbica que me constituiu – mais que isso, uma exortação à escrita, à fala, ao que for que comunique: “put up signs / make up who you are / send out signals / about who you are / transmit messages / telling who you are / no matter who you are”¹¹...]

Leitura, escrita e reflexão sobre lesbianidade, sobre desejo por mulheres, sobre o que é, afinal, ser lésbica e o direito a sê-lo acabaram sendo uma parte muito central da minha dissertação – algo que eu não esperava, pois minha ideia inicial era fazer um mapeamento do que seria essa “imprensa lésbica” – eu queria entender a dinâmica desse campo, as relações entre os periódicos, as motivações das “editoras” dessas publicações periódicas, que foram, em sua esmagadora maioria, publicações feitas de maneira bem amadora, no estilo dos fanzines: recorta, cola, monta, depois junta tudo e faz um xerox... Bem, eu fui a campo tentar descobrir o máximo que podia desse campo: a partir de um

9. “Não canso de pensar sobre significado, linguagem, qualquer coisa que me dê tesão.”

10. “Às vezes o que você precisa pra saber que está viva / é se sentir queimar pelo olhar de uma garota.”

11. “Cole cartazes / faça quem você é / mande sinais / sobre quem você é / transmita mensagens / contando quem você é / não importa quem você é.”

levantamento bibliográfico e documental, consegui localizar 19 títulos de publicações de caráter periódico (ou que ao menos tentaram tê-lo) feitas por e para mulheres lésbicas no Brasil, desde o pioneiro jornal *ChanaComChana*, lançado em 1981, até a revista *Alternativa L*, financiada pela Prefeitura de São Paulo e ainda em circulação.¹²

[*A much, much bigger pause:¹³ minha namorada me ligou para dar boa noite, nos empolgamos, falamos por duas horas. Sim, vocês viram certo lá em cima: são quase seis horas da manhã. Era só para dar boa noite, mas eu estava tão empolgada falando desse trabalho aqui; disso e de um livro que estou lendo para o trabalho final de outra disciplina – e na verdade, foi esse outro livro o que me trouxe pra essa caixa de e-mails hoje. Foi o que me impulsionou. Mas pra explicar pra Laura o que naquele livro me motivou a escrever isso tudo pra vocês, eu precisei antes resumir o argumento todo da autora pra ela. E pra explicar aqui pra vocês, eu precisava antes ter escrito essa parte aqui, entendeu? Minha pesquisa, e tal. Que tá incompleto ainda. E eu enrolei e enrolei e não consegui chegar: verborragia, graforreia, são os riscos do devaneio. Talvez deva levar o devaneio um pouco menos a sério? Enfim, eu desliguei com ela e me liguei que já tava ficando longo demais pra um e-mail só. Pensei em deletar. Ou amanhã cortar alguma parte, e daí seguir – o que seria negar o cerne do que propus, lá no começo. A única saída é enviar pra vocês. E, depois que eu mandar, já era.*]

Mas enfim, eu continuo. Amanhã? Talvez. Ainda tenho muita coisa pra dividir com vocês, e escrevendo eu vejo quantas coisas eu ainda tenho pra falar. Não deixa de ser um exercício interessante: eu quero resumir o que já escrevi sobre fazer-se na escrita, sobre narração e elaboração e trajetória – algo que as mulheres do meu campo fizeram, nos materiais que analisei. E o que eu descobri hoje é que me parece que quero fazer o mesmo. Eu falei que era um experimento, não falei?

[*o que fica de fora: sempre tem algo que fica de fora*]

From: me
To: me

Tue, Jul 25, 2017, 5:37 AM

Gurias,

Deixa eu contar pra vocês: o dia seguinte ao e-mail anterior me bateu como uma ressaca. Se fosse física a sensação, seria aquele gosto rançoso

12. Atualmente há mais duas revistas lésbicas em circulação: a revista *Brejeiras*, do Rio de Janeiro, e a *Tia Concha*, de São Paulo.

13. “Uma pausa muito, muito maior.” O mais correto teria sido escrever “a much, much longer pause”.

na boca, como um lembrete do descontrole anterior dela mesma [*tá, né? como se a boca bebesse e falasse sozinha, decerto*]. “A bebida entra, a verdade sai”, não é o que dizem? Mas foi sóbria mesmo, um *high* da escrita, trocando goles por palavras desmedidas. Tirei uns dias pra adiantar outras escritas e pensar. Bom, primeiro preciso dizer que aprendi uma coisa desse processo e por já conhecer minha verborragia: se soltar o verbo ele vai, mas trabalhos finais requerem uma concisão mínima, né. Então, assim: o aprendizado básico pra tocar essa experimentação é: não sair escrevendo sem um plano! Ou sair às vezes, também, que pelo visto rendeu – mas lembrar do que eu quero dizer antes. [*foi com essa ideia que eu abri o e-mail anterior, né? preciso deitar uma base firme, pra poder dançar de improviso em cima!*] Mas bem, vambora, que o que eu me demoro é o que o tempo leva...

E já que falamos em repertórios e gêneros, talvez o que eu estranhe agora seja colocar no registro do e-mail os temas da minha pesquisa. Releendo o que escrevi da última vez, me parece que resvalei de novo para um “academiquês”, e não é o que pretendo. Bueno, foi o seguinte: juntou tudo o que contei ali em cima, e acabei de posse dessa lista de 19 títulos de publicações “periódicas”. Eu queria olhar para o periódico por acreditar que a circulação contínua desse tipo de material, a ideia de que haveria um número seguinte, seria importante na constituição de redes entre mulheres lésbicas. De fato, as iniciativas que duraram mais tempo, e que se voltaram mais para a criação e circulação de conteúdo (notícias, contos, poesias, ensaios e o que chamei de “reflexões pessoais” – textos que as leitoras enviavam, contando parte de suas vidas), foram as que funcionaram por assinatura/associação e se propuseram a manter uma periodicidade frequente, geralmente almejando (mas não conseguindo) produzir edições trimestrais. E se coloquei aspas em “periódicas” lá em cima, é tanto por essa dificuldade em atingir a periodicidade pretendida quanto pelo fato de que ao menos uma delas (o boletim *Iamuricumá*, de 1981) anuncia isso na primeira edição e aparentemente morre ali¹⁴.

Opa, pera. Antes, mais um passo atrás. Ou dois. Por que isso tudo? Quero dizer: qual a importância disso – publicações, impressos, periódicos, etc.? Óbvio, tal interesse tem a ver com minha formação primeira (pela graduação, sou jornalista). Mas e para essas mulheres – pra que isso tudo? [*parece que estou repetindo aqui uma conversa que tive milhões de vezes ao longo da escrita da dissertação – aparentemente ainda não aprendi bem o roteiro dela...*]

14. Correção: a pesquisadora Paula Barbosa, mestrandona em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, localizou em 2019 mais duas edições do boletim *Iamuricumá* (a segunda, de fevereiro, e a terceira, de maio de 1981) no acervo do CIM – Centro Informação Mulher (comunicação pessoal, 2019).

Uma das coisas que eu mais gostei de ter escrito na dissertação é que o movimento de lésbicas no Brasil – ou a organização política das lésbicas, o que seja – surgiu entremeado na escrita. Explico: o jornal *Lampião da Esquina*, até hoje um marco da imprensa alternativa e tido como um grande nome da “imprensa homossexual brasileira” (essa, sim, descrita com esse termo em produções acadêmicas – que, não raro, deixam de lado as publicações das lésbicas, mas isso dá pano pra outra manga), não tinha lésbicas em seu conselho editorial (aliás, a história do Lampião é interessantíssima, eles fizeram uma espécie de *crowdfunding* por carta! Cf MacRae, *A construção da Igualdade*, 1990). Daí, no início de 1979, eles convidam algumas mulheres que participavam das reuniões do que viria a ser o grupo Somos de São Paulo (outro marco! Cf. MacRae, de novo) pra elaborar alguns escritos sobre lesbianidade. A edição nº 12 do Lampião traz uma capa verde, com um grande coração vazado em branco e, dentro dele, o texto “Amor entre mulheres”. *[esses dias, num rolê, dei de cara com um exemplar amarelado desses exposto numa parede de uma galeria de arte no centro do Rio. publiquei minha alegria em uma foto no Instagram e no Facebook.]* Um dos textos traz a celebração: foi a primeira vez que mulheres lésbicas se reuniram para escrever coletivamente sobre sua homossexualidade. E, a partir dali, elas seguem se reunindo; o grupo Somos, de maioria masculina, se formaliza, e elas formam o “subgrupo lésbico-feminista”, ou “LF”, que criou o primeiro assim proclamado jornal lésbico do país, o *ChanaComChana*, composto em gráfica, impresso em papel-jornal, com uma entrevista com a Angela RoRo na capa da primeira edição, coisa fina. E acabou aí: primeiro e único, o número de janeiro de 1981 do jornal *ChanaComChana*.

Mas a história se desenrola: depois de algumas tretas, o LF dá lugar ao GALF, Grupo Ação Lésbica Feminista, e em 1982 elas lançam o boletim *ChanaComChana*, montado como fanzine, uma estética muito doida – no recorta e cola mesmo, blocões de texto datilografado unidos de forma às vezes meio confusa. Isso de fazer no *do-it-yourself*, dependendo menos da gráfica, tornou mais barato o processo, e elas conseguiram manter o boletim rodando até 1986, distribuindo-o para grupos feministas, lésbicos e gays de vários lugares do Brasil e do mundo (e recebendo muito material em troca, a partir dos quais elas faziam seus conteúdos também), criando uma rede de assinaturas, bem massa, criando um diálogo mesmo... muito foda. *[eis aqui uma antropóloga – é mesmo? posso dizer-me assim já? – que encontrou um lugar para declarar desbragadamente um amor por seu “objeto”.]* Além das assinaturas, parte da renda pra financiar a edição do boletim vinha do bolso das próprias realizadoras, e das vendas do material em bares do “gueto” homossexual de São Paulo, ali pelas bandas da Roosevelt, Bixiga também... inclusive, a venda do jornal em um bar muito frequentado pelas lésbicas da época gerou outro evento, o “Stonewall brasileiro” ou a “invasão do Ferro’s Bar”, por

essas ativistas (em 2009, uma matéria sobre o acontecido em 1983 me levou a realizar uma entrevista com Miriam Martinho, uma das coordenadoras do GALF, para o *blog* de que eu participava na época – *blog* esse que 1. foi de tremenda importância para minhas próprias concepções de sexualidade e militância; 2. não acredito que estou enviando pra vocês!).

Em 1986, uma das ativistas do grupo, Rosely Roth, participou de um programa da Hebe Camargo (sim! bapho!!!) sobre lésbicas – sagrando-se assim a “primeira lésbica a se assumir na TV brasileira” – e mostrou no ar uma das edições do *Chana*, informando também o endereço da caixa postal do GALF. Cito aqui um trecho de entrevista da Marisa Fernandes (para Norma Mogrovejo), outra integrante do GALF à época, comentando o impacto: “Milhões de lésbicas estavam vendo e recebemos milhares de cartas que diziam ‘não vou mais me matar, porque sei que não estou sozinha’, cartas emocionadíssimas. Todas foram respondidas”. Pra vocês verem – imagina a dificuldade que era encontrar informações sobre isso? Bom, passado o *boom* da aparição televisiva, talvez em decorrência dele, o GALF resolve dar uma repaginada no boletim, passando para um nome menos “escrachado”: surge o boletim *Um Outro Olhar*, que na verdade foi bem parecido com o anterior em alguns aspectos e que teve 21 edições (algumas bem grandinhas, viu? Tipo umas 40 páginas tamanho A4) até a última, em 1994; em 1995, o coletivo responsável por sua organização – que, nesse meio tempo, formalizou-se enquanto ONG e mudou de nome, tornando-se Rede de Informação Lésbica *Um Outro Olhar* – lança uma revista também chamada, vejam só, *Um Outro Olhar!*, e cuja numeração, inclusive, parte já do número 22 – ou seja, novo formato, tom mais “cultural” e menos ligado à agenda de movimento social, revista em papel *couché*, impressão colorida e tudo... e, ao mesmo tempo, alguma continuidade. Bom, foi justamente o boletim *Um Outro Olhar* (o com cara de fanzine, não a revista) que eu discuti, muito extensivamente até (mas longe de exauri-lo), na parte de “análise” da minha dissertação.

E lá fui eu falando um monte, de novo, né? Engatei a primeira e fui, os três parágrafos anteriores eram um bloco de texto só. O lance é que, assim, parece que essa história tá se contando no automático já. Tudo isso que coloquei aqui nesse *e-mail* foi uma espécie de preâmbulo, uma introdução mesmo, e contando essa historinha, que na realidade já foi bastante contada por outras... sei lá, parece que essa história quer seguir sendo contada, cê's já viram uma coisa dessas? Sei lá, parece que ela me tomou pra seguir se multiplicando. E, na real, eu já contei isso tudo na dissertação, eu queria era contar outra coisa (que também tá na dissertação, mas enfim), ampliar o leque.

[devaneio: a Eliane Brum (dispensa apresentações, né? aquela jornalista. ídola pra mim, ela) fala que sempre quis ser romancista, mas que precisava se encher de “histórias dos outros” antes de escrever as próprias. só fui conhecer essa formulação dela quando já tava quase terminando a faculdade, mas me reconheci: eu decidi pelo Jornalismo e não pela Letras pelo mesmo motivo: muito nova, eu me sentia vazia de histórias ainda. acho que só agora me caiu a ficha do que é estar preenchida por uma história.]

[devaneio causado pelo devaneio anterior: sabe o livro que comentei, meio misteriosa, no e-mail anterior? pretendia trazê-lo depois, mas é que cabe muito aqui. assinado pela antropóloga Penelope Papailias, chama-se Genres of Recollection: Archive Poetics and Modern Greece e é, junto com o recém-conhecido Blommaert, outro alento pra mim enquanto estudiosa que tomou esse caminho estranho da etnografia de documentos. tenho várias coisas sobre ela pra dividir com vocês, mas por enquanto queria trazer aqui uma discussão que ela faz com ele, ele mesmo, o tão falado Derrida. ela traz uma reflexão muito bonita sobre atos de citação e práticas de transcrição de documentos, perguntando-se se uma mensagem reproduzida ipsis literis pode permanecer a mesma depois de atravessar o corpo de quem transcreve. isso mesmo: atravessar o corpo – o documento ali dum lado, a pessoa lê, processa, copia do outro; o cérebro (e sabe-se lá o que rola dentro dele!) recebe os estímulos vindos dos olhos e manda outros estímulos para as mãos, que tentam repetir o que os olhos viram usando lápis, caneta, computador, o que seja. mesmo que as palavras sejam idênticas, supondo que seja humanamente possível um reproduzir perfeitamente fiel, como fica? sai igual? bueno, a especialista em Derrida é a Adriana Lopes – deixo essa parte pra vocês. pra mim, basta pensar o caminho que essas palavras trilharam em mim; reinserir o corpo nisso tudo que é pensar e escrever e tentar entender alguma coisa do que foi pensado e escrito; refletir sobre a transformação possível que esse atravessar fez não só nas palavras, mas em mim mesma; ponderar a beleza de ter sido e ser uma estrada para a passagem de signos, referências e seus mutáveis referentes...]

[suspiro: ufff. suspirei mesmo, viu? materialidade de ar, soprado pelo ca(r)nal da minha boca. deve ser o vento que as palavras fazem quando passam.]

E, gente, quantas trilhas de palavras essas publicações fizeram, viu? E nem falo das minhas, falo das palavras delas, as que traçaram incontáveis caminhos dentro de envelopes, singrando Brasis & outros países. As palavras de mulheres que se encontraram na escrita, e esse “se” fala de encontrar umas às outras, mas também de, na escrita, criarem coisas em e a respeito de si mesmas. Deixem de lado a história que eu contei parágrafos antes, *this is the real deal*. É disso que eu quero falar:

Aí é que tá, eu comecei querendo contar justamente aquela história, saca? Não só aquela, todas as outras. Aquela e a das outras 19 publicações que eu falei pra vocês que listei – ambiciosa a guria, queria contar 30 anos, centenas de páginas, em um ano de pesquisa! Sem saber que era impossível, fui lá e quebrei a cara. Vou poupar vocês dos detalhes, mas foi todo um uso intensivo do Google, Facebook, e-mails, WhatsApp, jornais antigos, enfim (minha namorada apelidou meus esforços de “metodologia stalker de pesquisa”), e consegui localizar e contatar vários dos nomes que apareciam na coluna “editoras/responsáveis pela publicação” na minha tabela. Entrevistei treze mulheres, que me narraram histórias de dez desses 19 títulos. Mais do que isso, elas me narraram – e elaboraram narrativamente, como diria Ernesto Meccia (*El tiempo no para*, 2016) – as trajetórias de treze mulheres, elas próprias, e de outras que passaram em suas vidas. Vidas! Pois é, daí a porca torceu o rabo e a chave começou a virar junto. Eu queria descrever a constituição de um campo, e um campo é feito de quê? P-e-s-s-o-a-s. Sujeitos feitos na experiência, história feita na linguagem (salve, Joan Scott!). E eu não sei mais dizer, nem sei se precisa, onde que começou a virada, se foi nas entrevistas ou nos documentos... Porque os documentos também me traziam histórias, e me traziam pessoas. Pensando agora, já que estou estudando narrativas com vocês e em outra disciplina, que se voltava mais para as narrativas da história e da antropologia histórica, acho que eu tava pretendendo fazer uma coisa meio na linha de uma historiografia oficiosa – A Grande História do Movimento de Lésbicas no Brasil e suas Publicações Periódicas. Ou: A Imprensa Lésbica Brasileira (e suas Ligações com o Movimento de Lésbicas)!!! Imagina só, que bonito que ia ser. Mas também foi bonito do jeito que foi, vamos combinar, né? Tudo bem que, assim, no fim das contas eu acabei usando pouquíssimo das entrevistas. E que, na real, através dessas mulheres eu tive acesso a cópias de materiais que não estão arquivados publicamente em lugar nenhum: jornal *Visibilidade* (COLERJ – Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro, 1998–2004?), recebido da Neusa Pereira; o boletim *Ponto G* (GLB – Grupo Lésbico da Bahia, 1998–2002?), graças aos poucos exemplares que Zora Yonara ainda guardava; *Alternativa L* (São Paulo, 2013 – atual), recebido da Sheila Costa; revista *Femme* (Grupo Afins – Santos, 1993–1995), que encontrei na Biblioteca Nacional (!!! ninguém fala disso na literatura que estudei!!!!) e na biblioteca da Universidade de Austin (chique, né? Valeu, Carla Ramos, pelo apoio). Da *Femme*, a edição que me faltava pra completar a coleção foi digitalizada¹⁵ e enviada pela Laura Bacellar depois de uma entrevista – aliás, sem as informações que ela me passou, eu não teria encontrado a Monica e a Theresa, editoras da revista, que me concederam uma entrevista muito amor, literalmente. Estou tentando escrever mais sobre elas ultimamente. O tal outro artigo

15. Paula Barbosa localizou mais uma edição da revista *Femme*, o número 9, no arquivo do CIM em 2019 (comunicação pessoal, 2019).

que mencionei num e-mail anterior, pro Fazendo Gênero,¹⁶ é sobre a revista *Femme* – ficou, sendo supersincera com vocês, bem ruim. Ou bem abaixo do que eu acho que elas merecem.

[estou me perdendo de novo: oi, meu nome é Carolina Maia e estou aqui publicamente tentando fazer as pazes com as ausências do meu último trabalho. os silêncios, o que fica de fora. já falei pra vocês que eu tenho algo a dizer sobre o que fica de fora, né?]

Enfim, o lance foi que eu acabei tendo que escolher só um e, nessa escolha, acabei optando por um material menos estudado do grupo mais conhecido dentro da história do movimento de lésbicas no Brasil. O *ChanaComChana*, eu acredito, é a publicação lésbica mais discutida dentro da literatura sobre o tema da “imprensa homossexual” (às vezes, a única); tentei fugir disso pegando o *Um Outro Olhar*. Aliás, já comentei com vocês que todas as publicações que eu listei, salvo ao menos uma ou duas, estavam ligadas a grupos de militância, né? Só ver os nomes que eu coloquei ali: Coletivo de Lésbicas, Grupo Lésbico... Antes de fazer a pesquisa mesmo, eu lamentava um pouco isso: por que os homens gays conseguem fazer revistas que “dão certo” editorialmente, e as mulheres lésbicas, não?¹⁷ Daí, depois do campo, entendi que “dar certo” podia ser outra coisa.

O que eu vou falar agora parte mais da minha análise do *Um Outro Olhar*, mas em muitos aspectos é aplicável à *Femme* também. E se o que eu via como “artesanal, amador”, em vez de um sinal de um problema, de uma dificuldade (enquanto constituição de mercado, de investimentos, falta de acesso, etc.), fosse, na verdade, o que tornaria essas publicações ainda mais interessantes? Quero dizer, problema, dificuldade, foi sim: a “falta de engajamento”, por assim dizer, das lésbicas enquanto “público” consumidor foi uma reclamação que ouvi de muitas das mulheres que entrevistei – e elas falavam tanto de retorno financeiro (o mínimo necessário pra manter a publicação rodando) quanto de colaboração, mesmo. Porque é isso: elas eram amadoras, e digo isso de fazer por amor, também. Nenhuma das mulheres que se tornaram “editoras” na construção desses materiais era jornalista, embora tenham recebido eventualmente a participação de jornalistas em seus materiais. Então elas escreviam muito a partir dos contatos com outras ativistas. O *Um Outro Olhar*, por exemplo, se articulava em redes com ativistas da Europa, América Latina, Estados Unidos, Canadá, fora e dentro do Brasil, e consigo me lembrar aqui de cabeça da publicação de traduções de materiais em italiano, francês, inglês e espanhol – tudo pela rede de colaboradoras/associadas do grupo; a *Femme* reproduzia muito material da revista *Organa*, de Portugal, que foi uma influência importante para a

16. Maia 2017b.

17. Tal proposta de abordagem foi repensada ao longo da pesquisa (Cf. Maia 2017a, 18).

formulação da publicação do Grupo Afins. A partir desse tipo de contato, essas duas publicações, ambas bem volumosas em termos de conteúdo, também buscavam trazer notícias dos ativismos gays, lésbicos e feministas nacional e internacionalmente, disponibilizando agendas de eventos, passando endereços para quem quisesse contatar outros grupos, reproduzindo convocatórias de antologias de poesias, contos, narrativas diversas sobre lesbianidade. Um verdadeiro incentivo à escrita, sem contar aquele que vou comentar a seguir. E, sabe, eu acho que era sobre encontro a coisa toda, viu? Porque nos outros dois que mencionei acima, que infelizmente não trago aqui em detalhes por falta de frescor nas ideias mesmo, embora não mostrassem essa articulação toda (e talvez nem fosse a proposta), esse convite tava dado também: tanto o *Visibilidade* quanto o *Ponto G* traziam textos, poesias – e, mais do que isso, dicas de lugares de encontro. Dicas de barzinhos, chamada pra próxima reunião do grupo, essas coisas. Tá aí: “sem Internet”, como eu me perguntava lá no começo, minhas interlocutoras me explicaram nas entrevistas, uma mulher que quisesse conhecer outras mulheres para um *caso, transa, namoro* ou nada disso, amizade mesmo, podia encontrar outras mulheres em barzinhos, reuniões de grupos... ou por escrito.

Minha dissertação, em suma, discutiu como a circulação do boletim *Um Outro Olhar* promovia a constituição de redes entre mulheres: seja através da consolidação de redes ativistas, seja pela rede de cartas entre leitoras e colaboradoras da publicação, as associadas ao GALF/Rede *Um Outro Olhar*. Essas redes se construíam no boletim mesmo, na colaboração ao seu conteúdo, feito da reprodução de muitas cartas e outros textos (ensaios, artigos, as tais reflexões sobre si) que, assim disponibilizados, ajudavam a construir ideais de amor (e política) entre mulheres, fornecendo exemplos de relacionamentos que, como algumas cartas publicadas relatam, algumas dessas leitoras não tinham conseguido encontrar antes em nenhum outro lugar – não que tais experiências não existissem, mas era tudo muito velado, como eu ouvi algumas vezes nesse campo... [Dríca, Dri, Carol, podemos voltar a isso depois se quiserem – é só porque já tenho muito sobre essa parte recentemente, já são 5 da manhã e tenho um compromisso aqui comigo por hoje. mas me perguntem que eu falo mais, tá?] Bom, esses vínculos também se teciam por fora das páginas dos periódicos em si, graças ao que eu entendi como sendo uma espécie de ligação entre portas do “armário”: as seções de anúncios pessoais buscando correspondentes.

Meu próximo trabalho, espero, vai ser sobre isso: mandei hoje (ou ontem, né? segunda, dia 24, a madrugada me confunde) uma proposta de trabalho para o Seminário dos Alunos do PPGAS discutindo os anúncios na revista *Femme* e o papel atribuído (ou talvez pudéssemos falar sobre “centralidade conferida”, mesmo – vamos ver conforme a carruagem

da análise andar) a esse tipo de estabelecimento de contato. Por que a *Femme*? Bom, não é só porque me sinto em falta com essa história, nem porque eu ache que já falei muito do *Um Outro Olhar*, embora ambas as alternativas estejam corretas: é porque, sem anúncio pessoal de correspondência, não existiria *Femme*. E não existiria *Femme* porque, se a Theresa não tivesse começado a se corresponder com algumas mulheres através de anúncios publicados em uma revista de nu feminino (é, tinha revistas “masculinas” que faziam isso) nos anos 1980, não teria se formado o casal Monica e Theresa. Quero dizer, segundo elas, “o que é pra ser... [vai ser]”, mas vai saber, né? O lance é que foi esse: elas se conheceram graças a um anúncio desses, seguiram publicando anúncios do tipo, formaram uma rede de correspondências com as mulheres que entraram em contato com elas, e a partir daí conhecem “as meninas da *Organa*”, elaboraram a ideia e lançaram a revista, construída a partir de textos de amigas dessa rede que se formou, e formando novos vínculos também – obviamente haveria uma seção de anúncios na publicação delas, né?

Vocês veem só... eu comecei essa série de e-mails pensando que ia falar sobre as escritas dessas mulheres, sobre os textos que encontrei nessas publicações, sobre textos que eu mesma li e sobre o fazer-se “lésbica” na escrita e na leitura. Talvez por já ter escrito muito sobre tais temas na dissertação, foi justamente sobre isso que escrevi menos aqui. Ou, talvez, seja esse meu processo mesmo: como já falei ali em cima, a dissertação tomou um caminho imprevisto (e não é isso que muitas fazem?). Talvez a proposta tenha tido êxito justamente nisso, na ideia de visibilizar o processo em si – sabe, aquela maquiada que a gente dá na introdução do trabalho, como se soubesse desde o início o que ia acabar fazendo? Como se, na prática, não fôssemos muitxs descobrindo ao longo do caminho. Eu comentei com vocês em aula que meu interesse pelas correspondências se deu graças ao diálogo com amigas, né? E que, graças a isso, muitxs colegas pensam que eu estudo “cartas”. [Talvez esse seja o assunto do próximo e-mail, veremos, o processo é open-ended.] Só mais um “talvez”, pra encerrar por hoje: talvez eu estivesse interessada nas cartas desde o começo, mas o processo de descoberta disso (e “descobrir-se”, no meu campo, é tanto *insight* quanto elaboração) é que tenha sido/esteja sendo um tanto longo.

Por hoje é isso. Até a próxima!

Beijos,
Carol

From: me
To: me

Tue, Jul 25, 2017, 5:38 AM

[dessa vez eu esperei longos segundos até o botão “undo” sumir. sem volta atrás.]

* * *

Uma carta *on the road*

Rio de Janeiro – Florianópolis, 01/08/2017

Drica, Dri e Carol,

Tudo bem com vocês? Como vocês vão? Confesso que fiquei meio apreensiva ao não receber nenhuma resposta ao meu último e-mail, em que encaminhei para vocês a primeira parte do meu trabalho final. Confesso também que é só por já ter enviado uma parte que me sinto um pouco menos constrangida de estar finalizando-o com este pequeno atraso, que espero que não atrapalhe a leitura de vocês. Além disso, estou fazendo um esforço sobre-humano pra conseguir fazer uma letra minimamente legível aqui, minha letra nunca foi boa e estar em um ônibus em movimento certamente não ajuda. É, num ônibus: tive uns contratemplos aí (que, em parte, ajudam a explicar meu atraso), acabei perdendo o voo que me levaria a Florianópolis para o Fazendo Gênero e só me restou (\$\$\$) cruzar por terra esses sei lá quantos quilômetros que separam minha casa da Ilha da Magia. Preocupada com a ausência de Internet na estrada, mais o risco de ficar sem bateria no celular para alguma eventualidade, tive essa ideia de escrever em papel – solução que, fora isso da má caligrafia e não saber como vai ficar depois da (infelizmente necessária) digitalização destas páginas, me pareceu muito prática e, mais que isso, fazer muito sentido. Eu quero, afinal de contas, falar de cartas... essa proposta de trabalho mesmo surgiu de uma ideia de um flerte com o gênero epistolar. Por que não, então, voltar pro *old school* do papel e caneta? Mesmo o fato de estar viajando de ônibus me ajuda a pensar algumas coisas, dimensão do sensível que, se a forma de escrita deste trabalho fosse outra, possivelmente acabaria oculta – só argumento, sem as sensações e estalos que foram o germe do *insight*. Gosto muito de viajar por terra porque assim, na estrada, consigo ter uma dimensão mais palpável das distâncias e caminhos percorridos. Andar de avião me causa a mesma sensação que tenho ao andar de metrô em cidades que não conheço: uma incompreensão do mapa, canais que me levam magicamente de um ponto a outro sem eu entender direito como foi que cheguei lá. E, se meu trabalho fala de circulações de materiais (e pessoas) pelo território, as distâncias e caminhos importam.

Além disso, viajar de ônibus é mais lento, e me conectar à lentidão também interessa: afinal de contas, eu estudo outros tempos, e por “outros tempos” me refiro não só ao passado recente (os anos 1970, 1980 e 1990), mas aos tempos que as coisas tinham então. O tempo de uma edição de um boletim e outra: o tempo de produzi-lo, de juntar informações, contatar outros grupos, receber as colaborações das leitoras, datilografá-las, montá-las; o tempo de enviá-lo, o tempo dos correios, o tempo de ir na agência dos correios ver se tem algo na caixa postal (contratada pra não receber nada suspeito em casa ou no trabalho); o tempo de receber-lo, tempo de lê-lo, artigo por artigo, dos mais maçantes (tem uns que só falam de política, viu...) aos mais comoventes, incluindo as seções de *cartas* (a publicação de cartas, opinativas e/ou contando histórias, e também os anúncios de correspondência) e as poesias de amor, que sempre tem. (uma carta publicada em *Um Outro Olhar*, acompanhada de uma poesia, trouxe uma frase que virou subtítulo na minha dissertação: “toda lésbica que se preza gosta de escrever poesia, né?”). Em entrevista, uma de minhas interlocutoras, ex-editora de uma publicação lésbica, me comentou sua opinião de que “poesia de amor só é bom pra quem escreve” & suas musas, porque ela recebia poemas “muito ruins”. É, Blommaert, quais escritas contam?) [Texto inserido, escrito acima do texto, puxado com uma seta:] O tempo de escrever uma carta pras organizadoras do boletim, comentá-lo, fazer perguntas: o tempo de responder. [Fim do texto inserido.] O tempo da correspondência.

Eu comentei com vocês sobre o livro da Penélope Papailias, *Genres of Recollection*, né? Cara, como eu queria tê-lo lido antes/durante a minha dissertação... ela traz algumas discussões da linguística e da crítica literária que são, de fato, importantes contribuições para quem faz etnografia de documentos ou uma “antropologia textual”, como ela diz. Além da discussão que ela faz com o Derrida (definindo a produção histórica como profundamente performativa e as narrativas históricas como constituídas por longas e complexas cadeias de atos citacionais – *reporting/reported speech*, o “disse-me-disse” da história), que eu mencionei no outro e-mail, ela também usa o Bakhtin pra pensar gêneros textuais e a construção de legitimidade e autoridade científica. Tudo a ver com a nossa discussão, né?¹⁸ Penso no descrédito da Landes,¹⁹ da Anzaldúa (*Borderlands/La Frontera* era a tese dela que foi recusada, não tem uma história assim? Tou na estrada, no meio dum campo que não

18. Repetidamente discutimos em aula o descrédito do trabalho de algumas antropólogas cuja escrita etnográfica fugia aos cânones masculinos da disciplina, como aparece na frase a seguir.

19. Cf. Cole (1995).

faço ideia de onde seja – não tenho como pesquisar),²⁰ da Mead²¹ e de outras. A Benedict escondia de Boas sua produção poética.²² Literatura é coisa de mulherzinha, favor não se esquecer disso: sempre foi, só lembrar da segmentação da imprensa por gênero, a primeira segmentação, como comentam Maria Alceste Mira, Dulcília Buitoni, Constância Lima Duarte: nas “folhinhas” femininas, há moda, etiqueta e literatura; nas demais (masculino universal oculto), literatura também, mais política, notícias, economia, esses assuntos para os quais a mente fraca das moçoilas não estaria preparada... Peraí, onde eu tava mesmo? No texto, eu digo – geograficamente, só sei que estou no estado de SP e o sol está se pondo – comecei a escrever às 15h40, logo depois da primeira parada pro almoço. Espero que haja uma segunda parada em breve, tou seca por um cigarro. O horizonte aqui é largo e é belo o entardecer, mesmo que ele requeira que eu acenda a luz do ônibus pra iluminar o caderno aberto sobre minhas pernas, a direita cruzada sobre a esquerda. Lembrei do que eu estava falando: Papailias, Bakhtin, gênero textual. Escrever à mão é lento e o pensamento se perde mais fácil. Gênero textual e gênero – *genre/gender*. A leitura é muito mais rápida, vai maquiar o tempo dos meus devaneios. Eu lembrei do que estava falando porque descrevi meu contexto de escrita e lembrei que queria falar da Melpo Merlier.

[FINALMENTE a pausa esperada pro cigarro!]

Melpo Merlier, conta Papailias, foi uma intelectual grega de classe alta, fundadora e coordenadora do Centro de Estudos da Ásia Menor – instituto que, em suas atividades de criação e coleção de documentos a partir de entrevistas com refugiados deslocados forçadamente na troca de populações entre a Grécia e a Turquia na Guerra Greco-Turca de 1919-1922, ajudou a consolidar o gênero do “testemunho” como narrativa histórica, a vítima como autoridade e também a figura do “trabalhador da memória”, os pesquisadores que entrevistavam e transcreviam os relatos. A formação de Merlier – filóloga, interessada em manifestações *folk* da cultura –, na visão de Papailias, foi tanto o que impulsionou as inovações de sua concepção de como deveriam ser os documentos criados no Centro como motivo para o questionamento de sua legitimidade (junto, evidentemente, ao gênero dela). Pensar gênero (*gender*) e inovação narrativa, então, me parece algo interessante, ainda mais

20. Tal informação, como se verificou na preparação deste trabalho para publicação, é incorreta. *Borderlands/La Frontera* foi aclamado pela crítica; Anzaldúa de fato não chegou a defender sua tese, mas não por esta ter sido “recusada”. A autora abandonou e retomou seu doutorado em Literatura pela Universidade de Santa Cruz algumas vezes entre os anos 1970 e sua morte, em 2004. A tese/livro *Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality*, que Anzaldúa acreditava estar a meses de terminar quando faleceu, foi editada por AnaLouise Keating e publicada postumamente pela Duke University Press (Anzaldúa e Keating 2015). Cf. Keating (2015).

21. Cf. Lutkehaus (1995).

22. Cf. Lutkehaus (1995).

pensando naquela introdução do Clifford ao *Writing Culture* e o fato de que o trabalho da Shostak era interessante para tecer uma análise, mas não o suficiente para que ela fosse convidada para participar do seminário [de Santa Fe] e expor sua teoria por trás daquela experimentação. Cito a história da Merlier também porque uma das minhas passagens preferidas de *Genres of Recollection* é a citação de uma das “cartas de trabalho” (em oposição às cartas “pessoais”) dela, escrita em um hotel fora da Grécia, em que ela descreve o cenário de onde escrevia e a configuração da mesa que montara para si, os arquivos e pastas ao seu lado tornando aquele espaço seu e de trabalho. Mais interessante ainda é que ela escreva, junto às orientações e comentários para os funcionários do Centro, uma reflexão sobre ter incluído na “carta de trabalho” tais reflexões tão pessoais – e, ainda por cima, tê-las datilografado! *Literacies*, diz Blommaert, e eu acrescentaria novamente a Anzaldúa: a escrita não se faz em separado da vida. A análise de Papailias sobre essa passagem também é bonita: Merlier era uma desgarrada, que mudou de cidade diversas vezes, casou-se com um francês, vivia viajando para diferentes países; então, estabelecer, mesmo que por poucas horas, um “escritório” na mesa do hotel e descrevê-lo na sua carta era uma forma de criar, na escrita, a sensação de um lar. Lindo, né? (Fica mais bonito ainda com o caderno no colo, sacolejando dentro de um ônibus semileito.)

[uma digressão que eu queria incluir: não dá mais pra me aprofundar na Papailias, mas ela faz uma discussão muito legal da ideia de gênero textual, relações entre textos, associação de determinados textos a “tradições” de textos semelhantes e produção de efeitos. Resumindo muito, ela discute um livro chamado Orthokosta, de um autor especializado em “ficções documentais”, cuja forma imita um arquivo – é um conjunto de “testemunhos” concedidos a um “historiador” cujas intenções ficam pouco claras. O gênero do testemunho, à época do lançamento do livro, já estava tão consolidado que muitos críticos deploraram o livro, rechaçando-o como “inverídico”. A citação ficou ameaçadoramente fiel ao original. Fiquei pensando: isso que estou fazendo é realmente uma carta? Ou apenas uma imitação desse gênero? Bakhtin comenta que certos gêneros, como o romance (e Papailias acrescenta: e a etnografia), derivam suas características de outros. Talvez esta escrita científica pegue de empréstimo marcas do epistolar, talvez meus academicismos contaminem mesmo minhas escritas mais cotidianas, talvez o formato “comunicação pessoal” tenha libertado aqui minhas palavras, talvez eu as tenha planejado mais do que o faria em uma carta “real”. Talvez haja mais artifício do que parece para tornar verossímeis essas “comunicações pessoais” enquanto tal – não se deixem enganar por mim, vocês não têm como saber. E eu, em certa medida, também não.]

Essa ideia de construir casa nas cartas é particularmente bela aos meus olhos porque gosto de pensar os documentos de minha pesquisa em circulação nas distâncias e também enquanto lugares imateriais

– lugares de encontro, de discussão, de desabafo, de elaboração identitária, de constituição de vínculos. Alguns textos “pessoais”, republicados (até que ponto alterados?) como cartas, não raro endereçadas à editora do boletim *Um Outro Olhar* (“cara Miriam”, “Amiga, obrigada por ficar ao telefone comigo ontem”, etc.), trazem coisas tão íntimas quanto aparentemente banais:²³ por exemplo, Malu, uma professora universitária do RJ, conta que ouviu no trabalho uma “piadinha” associando o esporte que ela praticava às lésbicas; indignada e corajosamente, ela responde com algo na linha “e daí se eu fosse?”, o que é diferente do hoje já mais possível “sou, e daí?”. A contestação evasiva, o envio da carta contando, a republicação da carta (sob apelido), pra mim tudo isso aponta tanto para uma dificuldade de falar sobre o tema e uma necessidade de falar. E o boletim oferecia e multiplicava o “para quem” falar – não há narrativa possível sem ouvinte, certo?²⁴ Outra mulher, Ana, a que fez a ligação telefônica para Miriam (dos EUA! Pensem no quanto isso não deve ter custado, nos anos 90. E a carta dela é enorme – necessidade de conversar?), conta do seu drama de se envolver com mulheres heterossexuais. Cice conta do seu relacionamento com uma mulher casada (que nem gostava tanto assim dela, ela diz), que terminou após o marido proibirlas de se verem. Mary escreve para reformular o que ela mesma havia dito em uma reunião (e que acabou publicado como parte do “relato” do encontro): ela repensou e não acha mais que é mais fácil se assumir tendo namorada; ela não precisa provar nada pra ninguém. Além disso, ela conta que vai investir mais em se amar primeiro, amar ser lésbica, pra depois ir atrás do sonho de encontrar um amor – a leitura do boletim ajudou muito, sim, obrigada! Naná, médica com arroubos literários, escreve um conto que traz os mesmos valores do amor romântico presentes nas narrativas autobiográficas em que ela conta, também, sobre seu relacionamento. Diversas mulheres publicam, em praticamente todas as edições de *Um Outro Olhar*, poemas de amor para a mulher amada, de rancores e desamores, de saudades, de orgulho por e para todas as lésbicas. É, pra mim, uma construção coletiva de ideais amorosos, compartilhados e tecidos na circulação de escritas, feitas por mulheres que, frequentemente, se queixam de não ter modelos para isso. Li o *Excitable Speech*, da Butler, pensando muito nisso – em especial, em dois episódios do meu campo: Nani contando que ficava angustiada com seus sentimentos incompreensíveis por outras meninas, até ser chamada de SAPATÃO por uma vizinha e daí “entender o que ela era”, e a Eliane, uma das minhas colaboradoras preferidas em *Um Outro Olhar*, dizendo esperar pelo dia em que “sapatão vire um elogio”. Promoção de orgulho na veia.

23. As histórias mencionadas neste parágrafo são mais extensivamente discutidas no capítulo 3 da minha dissertação (Maia 2017a, 134-178).

24. Cf. Meccia (2016).

Engraçado como escrever às vezes é mais um jeito específico de pensar, né? Digo, escrever quase como forma de investigação, buscar *insights* no diálogo [consigo mesmx] no papel. (*Nada de novo sob o sol, né, Carolina?* *Não é por isso que tu escreve diário pessoal? Gênia...*) Acabo de me ligar numa coisa. Já ouvi muitas vezes de amigas variações da frase “você estuda cartas, né?”. De início, eu achava que elas estavam se referindo (e talvez algumas estivessem) aos anúncios buscando correspondentes – eu publicava, volta e meia [em meu Facebook], a imagem de um ou de outro (*isso é ético?, me pergunto agora*). Depois de muito responder “minha pesquisa não é beeeeem sobre isso”, comecei a prestar mais atenção neles, o que é uma espécie de abordagem não diretiva de inspiração construída em rede... Mas prestando atenção no que estou escrevendo agora, eu me ligo que não só os documentos que analisei foram definidos crucialmente pela correspondência, como uma porção bastante considerável desse conteúdo foi construída sob a forma do gênero epistolar. Tá, isso não é novidade, eu inclusive mencionei isso na dissertação (tenho até uma hipótese pra pensar por que logo cartas, que resumo a seguir – e depois disso, eu juro que este texto termina), mas ainda não tinha formulado assim. As amigas pensam que eu “estudo cartas” (em vez de “estudo periódicos lésbicos”) porque, bom, eu falo de cartas a porrão do tempo todo. Tu vê, né? Tendo já defendido a dissertação, imaginei que eu já soubesse do que ela se trata...

Tanto a Gloria Anzaldúa (na *Carta às mulheres escritoras do Terceiro Mundo*) quanto a Audre Lorde (em *Age, Race, Class, and Sex*) dão um chega pra lá no ideal burguês de *Um Teto Todo Seu*: papel é caro, tempo é escasso; se não der o romance, escreva aos pouquinhos, o tanto que der. Lorde defende a poesia enquanto gênero econômico, voz das mulheres pobres e de cor. No caso das mulheres cuja escrita analisei, acho que o lance não estava nem tanto no “teto todo seu” (enquanto autonomia financeira e de tempo) e mais na construção de vozes narrativas com autoridade, legítimas, mesmo que pra pensar a própria vida. Lorde ressalta como escrever uma narrativa longa (como um romance) exige muito investimento (material, emocional, de tempo) e dedicação. Acho que o mesmo pode ser dito dos artigos e ensaios mais evidentemente “políticos” presentes em *Um Outro Olhar*, bem como os informativos, agendas da militância, etc., que também exigem tempo de preparação, discussão, leitura, acúmulo. A carta aparece, então, como gênero acessível para a formulação escrita de opiniões e narrativas de experiências – e essas missivas eram publicadas na íntegra nos boletins como forma de expandir a discussão (O que eu não daria pra reescrever essa parte da minha dissertação agora!).

Revendo os tópicos lá do primeiro *e-mail*, fiquei pensando se teria conseguido de fato abordar os três eixos que me propus a abordar. Depois me perguntei se, ao longo da escrita dos *e-mails*, eu já não teria mesmo aberto mão de cumprir, de fato, aquela promessa. Aí me irritei comigo mesma: eu nunca quis que essa última mensagem servisse de “conclusão” – isso daria uma aparência de coesão e totalidade que é justamente aquilo de que tentei fugir. Vocês que me digam se funcionou.

(Espero que sim.)

Abraços,
Carol

P.S.: O poema da minha amiga sobre “namorar as nuvens” está copiado na página seguinte.

P.S. 2: “*A wild patience / has taken me this far*”²⁵ são versos do poema *Integrity*, da Adrienne Rich.

P.S. 3: Para dar uma noção de deslocamento, terminei a carta próximo a Registro/SP.

[quebra de página]

Faz tanto tempo que não paro:
tem que ler
tem que escrever
tem que lavar roupas
fazer comida, se houver.

Traduzir, ler, procurar
escrever. Concluir.

Faz tanto tempo que não
namoro com as nuvens.

(mariam pessah)

25. “Uma paciência selvagem trouxe-me até aqui”, na tradução de Maria Irene Ramalho e Monica Varese Andrade (Rich 2008, 149).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anzaldúa, Gloria E. 2000. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1: 229-236.
- _____. 2009. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: G. E. Anzaldúa & A. Keating (ed.), *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham; London: Duke University Press.
- _____. & Keating, AnaLouise. 2015. *Light in the dark/luz en lo oscuro: rewriting identity, spirituality, reality*. Durham/London: Duke University Press.
- Blommaert, Jan. 2007. *Grassroots literacies: writing, identity in Central Africa*. London: Routledge.
- Buitoni, Dulcília Schroeder. 1986. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática.
- Butler, Judith. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge.
- _____. 1999. *Excitable Speech: a politics of the performative*. New York: Routledge,
- _____. 2010. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Clifford, James. 1986. Introduction: partial truths. In: Clifford, James e George Marcus (eds.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press.
- Cole, Sally. 1995. Ruth Landes and the early ethnography on race and gender. In: Behar, Ruth e Deborah Gordon (orgs.). *Women Writing Culture*. Berkeley: University of California Press.
- Derrida, Jacques. 1999. *Gramatologia*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- Derrida, Jacques. 2002. *A Escritura e a Diferença*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva.
- Duarte, Constância Lima. 2016. A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil do século XIX. In: *Imprensa feminina e feminista no Brasil – Século XIX*. São Paulo: Autêntica.
- Keating, AnaLouise. 2015. Re-envisioning Coyolxauhqui, decolonizing reality: Anzaldúa's twenty-first-century imperative. In: Anzaldúa, Gloria E. e AnaLouise Keating. *Light in the dark/luz en lo oscuro: rewriting identity, spirituality, reality*. Durham/ London: Duke University Press.
- Lorde, Audre. 1984. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: *Sister outsider: Essays and speeches*. Freedom, CA. Press.
- Lutkehaus, Nancy. 1995. Margaret Mead and the "Rustling-of-the-Wind-in-the-Palm-Trees School" of Ethnographic Writing. In: Behar, Ruth e Deborah Gordon (orgs.). *Women Writing Culture*. Berkeley: University of California Press.
- MacRae, Edward. 1990. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Maia, Carolina. 2017a. *Entre armários e caixas postais: correspondências, escritas de si e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. 2017b. Escritas de si, polifonia e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira: uma discussão da revista *Femme* (1993-1995). In: 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero. Transformações, conexões e deslocamentos. *Anais* [...]. Florianópolis, p. 1-13.
- Malinowski, Bronislaw. 1997. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record.
- Malinowski, Bronislaw. 1998. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

- Meccia, Ernesto. 2016. *El tiempo no para: Los últimos homosexuales cuentan la historia*. Buenos Aires: Eudeba, Ediciones UNL.
- Mira, Maria Celeste. 2003. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 21. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03.pdf>. Acessado em: 25/3/2014.
- Mogrovejo, Norma. 2000. *Un amor que se atrevió a decir su nombre: la lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homosexual y feminista en América Latina*. Ciudad de México: Plaza y Valdés.
- Papailias, Penelope. 2005. *Genres of recollection: Archival poetics and modern Greece*. Springer.
- Rich, Adrienne. 2008. *Uma paciência selvagem: edição bilíngue*. Tradução de Maria Irene Ramalho e Monica Varese Andrade. Lisboa: Edições Cotovia.
- Scott, Joan W. 1998. A invisibilidade da experiência. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. ISSN 2176-2767, v. 16.
- Silva, Tomaz Tadeu. 2000. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, 73-102. Petrópolis: Vozes.
- Woolf, Virginia. 2004. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CAROLINA MAIA é formada em Comunicação Social (Jornalismo /UFRGS), especialista em Gênero e Sexualidade (CLAM/IMS/UERJ), mestre e doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/MN/UFRJ). Sua dissertação de mestrado, "Entre armários e caixas postais: correspondências, escritas de si e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira" (2017), ganhou o prêmio de melhor dissertação no biênio 2016-2018 da Associação Brasileira de Estudos da Homossexualidade. Atualmente, pesquisa procedimentos caseiros de inseminação assistida. E-mail: carolinamaia@ufrj.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 26/11/2018
Reapresentado: 14/03/2019
Aprovado em: 24/06/2019